

EDITORIAL

Amazônica, na edição de março de seu sexto ano, traz uma variedade de artigos que incluem perspectivas da etnologia, etnobotânica, educação, história, arqueologia, etnohistória e gênero, entre outros. Acreditamos que essa variabilidade de abordagens e temas, apresentando resultados de pesquisas na Amazônia, indica que a proposta interdisciplinar da revista e seu foco na Amazônia foram bem aceitas.

O artigo de Sonia Lourenço analisa o canto funerário das mulheres Javaé, composições improvisadas que emergem de contextos performativos que sintetizam, além de diversos sentimentos, suas identidades de gênero. A performance corporal é o foco do artigo de Marília Sousa e Deyse Montardo, que mostram, a partir da perspectiva do corpo, os saberes e fazeres de artesãos da Reserva Amanã. Aquiles Simões e colegas analisam os acordos de pesca no Baixo Tocantins, a partir dos modos de organização das comunidades camponesas em sua relação com as políticas governamentais. A política curricular e as relações raciais são abordadas por Raquel dos Santos e Rosângela Barbosa e Silva, a partir da análise de artigos científicos publicados nos anais da ANPED, concluindo pela necessidade de ações afirmativas a partir do reconhecimento das diferenças étnico-raciais. Rhuan Lopes analisa, sob o prisma da arqueologia da arquitetura, a implantação na Belém colonial de prédios que abrigaram o Colégio e a Igreja dos jesuítas, configurando o poder da Igreja na parte mais antiga e central da cidade. Aníbal Arregui apresenta uma reflexão muito instigante sobre a apropriação dos concei-

tos de teoria, inteligência e ciência no contexto ribeirinho do baixo Amazonas, argumentando que em vez de serem definidos pelo intelecto, essas habilidades e qualidades são definidas pela prática, que é onde os saberes realmente importam. O contexto indígena do alto rio Madeira é discutido no artigo de Cliverson Silva e Angislaine Costa, que fizeram um excelente levantamento nas fontes históricas, cotejando-as e analisando a movimentação dos grupos indígenas na região. William Balée e colegas apresentam os resultados de um inventário florestal realizado sobre um sítio do tipo geoglifo no Acre, possibilitando comparações com outras florestas antropogênicas amazônicas. Por fim, Fabiano Gontijo e Pâmela Reis apresentam narrativas de lésbicas no Piauí e Maranhão, discutindo sociabilidade e moralidade, e refletindo sobre as experiências cotidianas dessas mulheres. Marcus Negrão nos brinda com um importante ensaio fotográfico sobre a prática de arrumação dos túmulos em Salinópolis, dos quais participam até crianças. O número conta ainda com três resenhas e cinco resumos de teses e dissertações. Agradecemos aos pareceristas anônimos que contribuíram com esse número e desejamos a todos uma excelente leitura. Amazônica recebe artigos e outros textos em fluxo contínuo. Envie sua contribuição!

Denise P. Schaan
Jane F. Beltrão
Editoras